



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA (TEL)

Estela Oliveira Goulart

**Dialogismo, alteridade e polifonia na percepção dos heterônimos pessoanos sobre o  
Fernando Pessoa ortônimo**

Brasília  
2024

## RESUMO

A heteronímia pessoana é considerada um marco na história da literatura portuguesa e mundial. Fernando Pessoa ultrapassou as designações superficiais do que seria a criação literária para criar um mundo à parte com pessoas, personalidades, estilos e biografias únicas. O objetivo deste trabalho é compreender o Fernando Pessoa ortônimo a partir da perspectiva de heterônimos e autores fictícios pessoanos, tendo como base teórica três conceitos estruturantes ao pensamento de Mikhail Bakhtin: alteridade, dialogismo e polifonia. Além disso, objetiva-se compreender a maneira como Fernando Pessoa é concebido por aqueles que resultaram de sua própria obra: os outros. Críticos pessoanos destacados como Leyla Perrone-Moisés, Teresa Rita Lopes e Jerónimo Pizarro complementam nosso arcabouço teórico-crítico.

**Palavras-chave:** ortônimo, heterônimo, Fernando Pessoa, Mikhail Bakhtin

## AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho, e toda a jornada na minha graduação, contou com ajudas muito importantes. Em primeiro lugar, agradeço a Deus. Também agradeço aos meus pais, Gilberto e Magna, que desde o princípio me condicionaram aos estudos, à leitura e ao gosto pela educação. Este caminho foi sublime, longo e cativante graças ao apoio e incentivo deles. Aqui também vale incluir o meu irmão, Tácito, que me ajudou e aconselhou desde o início da graduação.

Agradeço ao meu noivo, Thiago, pelos momentos de companheirismo, pelo apoio diário e pela compreensão naqueles momentos em que a literatura, a poesia e a língua portuguesa se fizeram dominantes em nossos dias, desde o início dessa jornada no curso.

Agradeço a minha professora e orientadora, Ana Clara Magalhães, em dois momentos, que parecem poucos diante de tanta gratidão: em primeiro lugar, pela maestria em ministrar aulas de literatura, em especial Renascimento e Modernismo. Se hoje escrevo este agradecimento após a conclusão deste trabalho, é porque em algum momento daqueles longos semestres em 2023 eu consegui compreender as nuances da literatura portuguesa com a devida admiração. Além de (re)conhecer Fernando Pessoa, vale lembrar (até porque antes das aulas dela eu planejava escrever minha monografia na área da linguística). E, em segundo lugar, pelas preciosas palavras e contribuições em todo o processo dessa monografia, desde as ideias comentadas logo após as tardias aulas de terça e quinta, em que precisávamos ir embora, mas a licença poética nos puxava em muitos debates, até o momento em que revisou essa versão final. Todos nós temos um mestre na jornada da graduação, e eu deixo com Ana Clara minha eterna gratidão.

Agradeço também às amigas e colegas de graduação que acompanharam cada esforço, seja desta monografia ou de toda a jornada na universidade.

A todos esses, o meu muito, muito obrigada.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>UMA PEQUENEZ QUE SE AGIGANTA .....</b>	<b>7</b>
<b>FERNANDO PESSOA: A PERSPECTIVA DOS HETERÔNIMOS.....</b>	<b>12</b>
<b>DIALOGISMO, POLIFONIA E ALTERIDADE EM INTERAÇÃO NO DISCURSO DOS HETERÔNIMOS SOBRE O ORTÔNIMO .....</b>	<b>17</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>26</b>

## INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é apresentar e descrever Fernando Pessoa ortônimo (ele mesmo) a partir das perspectivas dos seus três principais heterônimos, com embasamento de alguns conceitos de Mikhail Bakhtin considerados relevantes para esta análise. Dentre os conceitos analisados, estão: dialogismo, princípio fundamental na teoria de Bakhtin, que se refere à ideia de que todo enunciado linguístico se baseia em um diálogo implícito com outros enunciados; polifonia, que reconhece que um texto não é uma entidade isolada, está inserido em um contexto mais amplo de vozes e discursos, moldando a linguagem, especialmente a do romance; e alteridade, princípio que analisa a relação do eu com o outro e as maneiras como as identidades são moldadas em relação ao mundo.

Fernando Pessoa foi o mais importante poeta modernista português, que nasceu no final do século XIX e viveu até meados dos anos 1930, e é conhecido, principalmente, pela multiplicidade de vozes literárias que forjou. Dentre as características mais comuns de seu poeta ortônimo (que assina como Fernando Pessoa) estão a marca da infelicidade, remorso, arrependimento, inércia perante a vida; quietude de reações em um embate da sua inquietude emocional ao perceber a passagem do tempo que não volta mais; perspectiva do pesar, da amargura e da franqueza. É útil analisar a profundidade poética de Fernando Pessoa a partir do contributo teórico de Mikhail Bakhtin, que também explorou a complexidade da linguagem e da alteridade em suas obras de filosofia e crítica literária, notadamente *Estética da criação verbal* (1997) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (2013).

É de praxe refletirmos sobre Fernando Pessoa como o criador de outros, comumente referindo seus heterônimos como resultados de sua “histórica existência”, termo utilizado pelo próprio poeta na *Carta a Adolfo Casais Monteiro de 13 de janeiro de 1935*, ou também pela “tendência da despersonalização e da simulação” (PESSOA, 1935, p. 199) baseado nas próprias tentativas de explicar Pessoa a partir de sua divisão, conforme nos explica a famosa crítica literária Leyla Perrone-Moisés (2001). Mas, dentro desse vasto campo de pesquisa, o estudo das concepções dos heterônimos sobre o seu próprio criador (ou inexistente criador) e sobre essa relação dialógica entre eles não é tão comum como se pode esperar, considerando-se os mais de 25 mil resquícios de heteronímia pessoana. É certo que Fernando Pessoa foi único, mas não me cabe analisá-lo a partir de si, pois o objetivo é conceber uma análise dele a partir do que sempre nos explicitou, detalhou e repetiu mais do que ele: o outro.

Vamos entender a proposta poética de Fernando Pessoa sem julgá-lo, à maneira do que faz Jerónimo Pizarro, notável crítico e editor pessoano do século XXI, no capítulo Pluralidade, do livro *Ler Pessoa*:

Nesta ocasião, não me interessa discutir a verdade histórica da ficção, mas admitir [...] que a poesia é a ficção suprema e aceitar a verdade poética da gênese dos três heterônimos de Fernando Pessoa [...], pois creio que esta ficção, composta por cada uma das ficções individuais chamadas heterônimos, é responsável por essa atração exercida pela obra pessoana sobre todos nós. (PIZARRO, 2023, p. 10)

Jerónimo Pizarro propõe analisar as leituras e as formas de críticas que traçam caminhos até Fernando Pessoa, mais especificamente se baseando nas múltiplas percepções/versões que Pessoa nos apresenta de sua própria obra. No entanto, embora este tema ainda seja muito discutido, não me cabe aqui decifrá-lo. É justamente na perspectiva de cada heterônimo que esta pesquisa se apresenta, muito além da existência de Fernando Pessoa como um centro de todos os estudos pessoanos, mas como o resultado de suas criações.

Portanto, no capítulo 1 desta Monografia, discorreremos sobre as perspectivas de análise de alguns autores sobre Fernando Pessoa, dentre eles: Jeronimo Pizarro, Leyla Perrone-Moisés e Paulo Bezerra, servindo-nos da base teórica de Mikhail Bakhtin. Já no capítulo 2 de nosso trabalho, debateremos as perspectivas dos heterônimos acerca do ortônimo, com auxílio de trechos de registros encontrados na obra poética pessoana. Finalmente, no capítulo 3 discutiremos a interação dos conceitos alteridade, polifonia e dialogismo dentro da literatura pessoana com os heterônimos.

## UMA PEQUENEZ QUE SE AGIGANTA

Leyla Perrone-Moisés, em seu livro *Aquém do Eu, Além do Outro*, nos apresenta que:

Pessoa é ninguém, porque toda "pessoa" é ninguém, na medida em que toda personalidade é construção imaginária. Pessoa foi particularmente ninguém porque, existencial e socialmente, ele se anulou, aparecendo o menos que pôde. Como sujeito, ele ficou aquém do eu e além do outro: tendo-se aventurado na experiência da alteridade absoluta, perdeu a possibilidade de encontrar-se como unidade. Multiplicou-se tanto que já não podia ser alguém, mas apenas as várias formas do Encoberto. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 3)

A poesia de Pessoa é a reversão de ninguém em alguém. Neste caso, o autor-criador se torna alguém para seus heterônimos, que dele dependem. Ainda segundo Perrone-Moisés (1990, p. 11), “Sujeito em crise de identidade, poeta em crise de língua, gênio poético acuado num país que atravessava ele mesmo uma crise política e econômica, Pessoa era demais [...] Excessivo, Pessoa transbordou”. Mencionando o próprio Pessoa, em sua famosa Carta para Adolfo Casais Monteiro, de 13 de janeiro de 1935:

A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurastênico [...] Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos — felizmente para mim e para os outros — mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com outros; fazem explosão para dentro e vivo — os eu a sós comigo. (PESSOA, 1935)

Logo, Perrone-Moisés afirma que Fernando Pessoa apequena-se diante de suas criações:

Dividido entre quatro nomes (o seu e os de seus três heterônimos, outros nomes, outras pessoas, outros poetas), Pessoa perdeu-se de vista. Sendo impossíveis o alinhamento e a concentração, a eliminação do excesso fez-se por dispersão, por desaparecimento. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 11)

A partir disso, um dos questionamentos desta Monografia é se “o outro pode explicar Fernando Pessoa”, mas não um outro que conheceu Pessoa ele-mesmo em vida, e sim um outro/alguns outros que, conhecendo seu sujeito criador, pudessem nos ajudar com a noção inacessível a ele mesmo que transbordou. Desde já, é relevante citar o trecho teórico de autoria do ortônimo em “Sendo nós portugueses, convém saber o que é que somos”, de *Páginas Íntimas e de Auto interpretação*: “Nunca me sinto tão portuguesmente eu como quando me sinto

diferente de mim — Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, e quantos mais haja havidos ou por haver.” (PESSOA, 1966, p. 94). Nesse sentido, interessa-nos centralmente evidenciar como os poetas criados por Pessoa (seus três principais heterônimos) concebem o ortônimo – mais especificamente como concebem sua prática literária.

No prefácio de *Problemas da Poética de Dostoiévski*, obra de autoria de Mikhail Bakhtin, Paulo Bezerra explica e formula uma compreensão acerca de alguns dos conceitos do filósofo russo. Um desses conceitos, a polifonia, resulta da relação entre autor, narrador e personagens no seio do gênero literário romance:

Trata-se da posição de distanciamento máximo (...), que permite ao autor assumir o grau extremo de objetividade em relação ao universo representado e às criaturas que o povoam (note-se que, apesar de haver um ou outro traço do próprio Dostoiévski em algumas de suas personagens, nenhuma delas pode ser considerada um alter ego do autor). (BEZERRA, 2013, p. 9)

Paulo Bezerra continua dizendo que, para Bakhtin, esse conceito de distanciamento do autor não permite que ele, o “autor-artista”, invente a personagem, pois ele “as pré-encontra já dada independentemente do seu ato puramente artístico, não pode gerar de si mesmo a personagem”, já que “esta não seria convincente” (BAKHTIN, 2003, p. 184-185). A partir da concepção de persona do mundo real, cuja função do autor é enformar como personagem sem esquecer da sua autonomia como criatura do mundo real, Bezerra explica um ponto de vista de Bakhtin que, se lido em outra circunstância ou sob outra abordagem que não a de Dostoiévski, cabe nesta análise sobre o drama em gente:

Bakhtin parte da hipótese segundo a qual as personagens de Dostoiévski revelam independência interior em relação ao autor na estrutura do romance, independência essa que, em certos momentos, permite-lhes até rebelar-se contra seu criador. (BEZERRA, 2013, p. 10).

Este trecho, por si só, poderia se referir aos heterônimos de Fernando Pessoa, se alargamos nosso conceito de “romance” e passamos a entendê-lo como grande diálogo entre autor criador e criaturas-criadoras (a exemplo do que acontece no processo heteronímico pessoano). Podemos notar a semelhança entre esse trecho de Bezerra com inúmeros estudos acerca da pluralidade de personalidades de Pessoa, e até mesmo ele (Bezerra) menciona que esta seria uma independência das personagens, contrariando definições modelantes que “desprezam a condição de persona e as individualidades psicológicas e intelectuais das personagens como sujeitos representantes do universo social plural” (BEZERRA, 2013, p. 10).



Sob essa perspectiva, importa-nos combater certa visão do senso-comum de que Pessoa teria criado personagens (e aqui o termo “personagens” mantém a definição escassa que ignora as características de suas independências) que seriam apenas fantoches da consciência do autor.

Seleciono outro trecho de Paulo Bezerra que continua a explicar o universo de Dostoiévski e que é um dos mais importantes e explicativos para esta análise do universo de Pessoa. Vejamos:

Em Dostoiévski (...), a representação das personagens é acima de tudo a representação de consciências plurais, nunca da consciência de um eu único e indiviso, mas da interação de muitas consciências, de consciências unas, dotadas de valores próprios, que dialogam entre si, interagem, preenchem com suas vozes as lacunas e evasivas deixadas por seus interlocutores, não se objetificam, isto é, não se tornam objeto dos discursos dos outros falantes nem do próprio autor e produzem o que Bakhtin chama de grande diálogo do romance. (BEZERRA, 2013, p. 10)

Se colocássemos esse parágrafo em um dos estudos sobre a heteronímia de Fernando Pessoa não haveria mais dúvidas a respeito da complexidade que este universo nos apresenta em cada leitura. Seja Dostoiévski ou Pessoa, estamos falando de um conjunto literário que ultrapassa o limite da manifestação do romance. Em Pessoa, falamos de personalidades, criaturas que estão além dos papéis e dos poemas e dialogam entre si “com suas consciências unas”, numa rede ampla, argumentam sobre suas opiniões “lacunas e evasivas deixadas por seus interlocutores”. Os heterônimos pessoanos, portanto, não se tornam objetos de Pessoa.

Ao ler tal trecho de Bezerra sobre o dialogismo de Dostoiévski, analistas pessoanos terminam por associar a incrível semelhança com o universo de Pessoa e compreender que o próprio Pessoa criou a sua “multiplicidade de vozes” dentro de seu próprio mundo, ou, citando Tereza Rita Lopes, outra notável crítica pessoa, em *Pessoa por conhecer*, um “romance-drama-em-gente”. Em outras palavras: o dialogismo pessoano. Recorremos uma vez mais a Bezerra:

(...) o autor também participa do diálogo, mas é ao mesmo tempo seu organizador. É o regente de um grande coro de vozes, que participam do grande diálogo do romance, mas mantendo a própria individualidade (...) e nunca se situam fora do plano do autor, (...) sendo a ‘consciência das consciências’ (BEZERRA, 2013, p. 10)

Fernando Pessoa é considerado o regente dos heterônimos que falam através dele e com ele:

Na ótica do dialogismo, a consciência não é produto de um eu isolado, mas da interação e do convívio entre muitas consciências, que participam desse convívio com

iguais direitos como personas, respeitando os valores dos outros que igualmente respeitam os seus (BEZERRA, 2013, p. 22).

Segundo Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal*, a alteridade é a identificação com o outro, que ocorre quando voltamos a nós mesmos, recuperando nosso lugar de fora daquele que sofre e transcendendo os excedentes da nossa visão e sentimento em relação ao outro. Acompanhemos a discussão sobre outridade e alteridade ensejada pelo próprio Bakhtin:

O excedente de minha visão, com relação ao outro, instaura uma esfera particular da minha atividade, isto é, um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso préformar a respeito desse outro e que o completam justamente onde ele não pode completar-se. (...) Toda a vivência interior do outro (sua alegria, seu sofrimento, seu desejo, suas aspirações, e, finalmente, sua orientação do sentido), ainda que essa vivência não transparecesse no exterior, não se expressasse, não se refletisse em seu rosto, na expressão do seu olhar, e fosse apenas adivinhada por mim (graças ao contexto da vida), mesmo assim eu só encontraria essa vivência a partir da posição que me situa fora de meu mundo interior (mesmo que, de certo modo, eu viva essa vivência do outro, ela não se refere a mim, não me pertence em particular), fora de meu eu-para-mim; ela existe para mim, na existência, é componente valorativo da existência do outro. (BAKHTIN, 1997, p. 43)

Paulo Bezerra complementa essa perspectiva: “Essa relativização de mim mesmo é o que me permite ver o mundo fora de mim mesmo, construir minha autoconsciência, não me colocar acima do outro, ser capaz de entender a mim mesmo e entender o outro como parte dele.” (BEZERRA, 2013, p. 22)

Nesse aspecto, a concepção de “pessoa-ninguém”, discutida por Leyla Perrone-Moisés no estudo sobre porquê e como Pessoa é um ninguém, “um “vácuo-pessoa” que havia anulado a si mesmo e não podia regressar a um eu unitário depois de se multiplicar em “outros eus” (PIZARRO, 2018, p. 16), se torna ineficiente partindo do aspecto da alteridade para Bakhtin. A pluralidade/polifonia, aqui, seria o que mantém Fernando Pessoa vivo. Pode-se concluir que a existência real de Pessoa é mais ainda existente e, sobretudo, presente a partir dos heterônimos/outros:

é a respeito do outro que se inventam histórias, é pelo outro que se derramam lágrimas, é ao outro que se erigem monumentos; apenas os outros povoam os cemitérios; a memória só conhece, preserva e reconstitui o outro; e tudo isso é feito a fim de que minha própria memória das coisas do mundo e da vida se torne, por sua vez, memória estética. Somente no mundo dos outros é possível a dinâmica estética, com caráter de acontecimento, em seu valor autônomo — uma dinâmica operante no passado que tem seu valor sem levar em conta o futuro, no passado em que todas as obrigações e as dívidas estão perdoadas, todas as esperanças abandonadas. (BAKHTIN, 1997, p. 43)

A heteronímia de Fernando Pessoa, em que cada heterônimo possui biografia, personalidade e estilo próprio, faz com que o substrato poético desse grande autor ultrapasse as barreiras de uma designação puramente literária. Com uma abundante criação, “Pessoa tinha efetuado seu big bang. Desdobrara-se em poetas diferentes, criara a heteronímia.” (PERRONE-MOISÉS, 1991, p.2)

Sabemos, depois de contemplar um pouco da singularidade deste universo, que a heteronímia foi uma experiência única, pois eles (as criações) não são baseados apenas em nomes. Nesta ficção dramática, o ortônimo precisou criar sua própria designação diante de presenças tão fortes e complexas, resultando que o mundo da heteronímia é um mundo em que a dinâmica é dos outros. E, se Fernando Pessoa se confirma como um dos maiores poetas portugueses do século XX, é justamente diante desse acontecimento e do valor autônomo que possui sua vasta obra poética.

Logo, tendo concluído essa parte da compreensão de Pessoa a partir do outro, ou seja, de seus heterônimos, e a fim de buscar detalhes sobre a percepção deles a respeito de seu criador, tendo por base teórica alguns conceitos de Mikhail Bakhtin, avançamos em direção a uma análise mais detida da obra pessoana.

## FERNANDO PESSOA: A PERSPECTIVA DOS HETERÔNIMOS

A definição dos heterônimos compreende identidades completas que, em princípio falsas, se tornam verdadeiras por meio da sua manifestação artística própria e diversa, conforme defende o professor e escritor Massaud Moisés em *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*: “Cada heterônimo é uma entidade autônoma com caráter próprio, vida própria e uma visão pessoal de mundo, não obstante se complementarem entre si e mais o seu criado, numa unidade na diversidade.” (MOISÉS, 1998, p. 59).

A partir da pesquisa no repositório digital da obra pessoana – Arquivo Pessoa (<http://arquivopessoa.net/>) – pudemos concluir que, dentre os heterônimos, Álvaro de Campos é o que mais escreveu suas opiniões sobre Fernando Pessoa, sendo encontrados também alguns registros de Coelho Pacheco em sua Carta a Fernando Pessoa de 20 de fevereiro de 1935. Em algumas análises dos relatos de Álvaro de Campos, Fernando Pessoa é descrito como alguém incapaz de sentir, no conceito literal da palavra. No famoso texto “Notas Para Recordação do meu Mestre Caeiro” (1931), Álvaro de Campos diz:

...o próprio Fernando Pessoa seria um pagão, se não fosse um novelo embrulhado para o lado de dentro (...) Estava o Fernando Pessoa, mas é como se não estivesse. O Fernando Pessoa sente as coisas mas não se mexe, nem mesmo por dentro. (CAMPOS, 1931)

Em Rascunho de um prefácio inicialmente escrito para o «Cancioneiro» de Fernando Pessoa, Campos acrescenta:

Descrever as emoções que se não sentiram com a própria emoção com que se sentiram — é este o privilégio dos que são poetas porque, se o não fossem, ninguém os acreditava. Há poetas que fazem isto conscientemente, como Fernando Pessoa. Há poetas que fazem isto inconscientemente, como Fernando Pessoa. (CAMPOS, s.d.)

Esses relatos não são vistos como uma ofensa ou uma crítica, pois, segundo ele, era “demasiado amigo de Fernando Pessoa para dizer bem dele sem se sentir mal” (CAMPOS, s.d.). Essa mobilidade de Fernando Pessoa de viver no mundo físico e existir enquanto ser humano ao mesmo tempo em que cambaleia com suas emoções entre os heterônimos e a partir deles confirma o entendimento de que sua inquietude é vital e pertence a ele enquanto ser vivo.

Sendo essa uma das características relacionadas à alteridade, segundo Bakhtin:

[...] só no outro indivíduo me é dado experimentar de forma viva, estética (e eticamente), convincente a finitude humana, a materialidade empírica limitada. O outro me é todo dado no mundo exterior a mim como elemento deste (...) o outro está todo estendido e esgotado no mundo exterior a mim como um objeto entre outros objetos. (BAKHTIN, 2006, p. 34).

É possível perceber a semelhança entre as palavras de Bakhtin e o modo como Fernando Pessoa se descrevia perante os outros, além de ser uma das mais famosas representações de si. Segundo a metáfora anteriormente mencionada do “romance-drama-em-gente”, construída por Teresa Rita Lopes, bem como outros textos de crítica literária da autora, a obra pessoana é designada como um conjunto de personagens-autores em interação num teatro mental, o que justifica o modo como Pessoa se considera um mensageiro das tantas presenças em si.

Um dos exemplos acontece na Carta a Ophélia Queiroz de 25 de setembro de 1929, em que Álvaro de Campos comunica o estado de incapacidade de Pessoa:

Um abjecto e miserável indivíduo chamado Fernando Pessoa, meu particular e querido amigo, encarregou-me de comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> — considerando que o estado mental dele o impede de comunicar qualquer coisa, mesmo a uma ervilha seca (exemplo da obediência e da disciplina) — que V. Ex.<sup>a</sup> está proibida de: (1) pesar menos gramas, (2) comer pouco, (3) não dormir nada, (4) ter febre, (5) pensar no indivíduo em questão. Pela minha parte, e como íntimo e sincero amigo que sou do meliante de cuja comunicação (com sacrifício) me encarrego, aconselho V. Ex.<sup>a</sup> a pegar na imagem mental, que acaso tenha formado do indivíduo cuja citação está estragando este papel razoavelmente branco, e deitar essa imagem mental na pia, por ser materialmente impossível dar esse justo Destino à entidade fingidamente humana a quem ele competiria, se houvesse justiça no mundo. (...) (CAMPOS, 1978, p. 41)

Neste fragmento, Álvaro de Campos se refere ao ortônimo como alguém indigno, incapaz de se comunicar com os outros. São comuns os relatos de Álvaro de Campos sobre o modo inexpressivo de Pessoa, situado sempre de uma maneira à margem em sua inércia constante. Além disso, também percebemos a frieza de Campos, deixando a carta em um tom imperativo, muito diferente da maneira carinhosa com que o próprio Fernando Pessoa se comunica com Ophélia em inúmeras outras cartas endereçadas a ela (um exemplo, na Carta a Ophélia Queiroz de 11 de junho de 1920).

Em outro trecho, Campos julga o modo como Pessoa critica aquilo que lhe é provado:

Continua o Fernando Pessoa com aquela mania, que tantas vezes lhe censurei, de julgar que as coisas se provam. Nada se prova senão para ter a hipocrisia de não afirmar. O raciocínio é uma timidez — duas timidez talvez, sendo a segunda a de ter vergonha de estar calado. (CAMPOS, 1989, p. 233)

Em “Não posso aceitar a atitude crítica de Ricardo Reis para com a obra de Caeiro”, Álvaro de Campos diz: “É por isto que discordei sempre da tese posta por Fernando Pessoa, de que a filosofia é uma das artes”. E em “Sensationism began with the friendship between Fernando Pessoa...”:

Fernando Pessoa and Mário de Sá-Carneiro stand nearest to the symbolists. Álvaro de Campos and Almada-Negreiros are the nearest to the more modern style of feeling and writing. The others are intermediate. Fernando Pessoa suffers from classical culture. (...) Fernando Pessoa is more purely intellectual; his power lies more in the intellectual analysis of feeling and emotion, which he has carried to a perfection which renders us almost breathless.<sup>1</sup> (CAMPOS, 1916, p. 140)

Dentre as leituras e pesquisas no Arquivo Pessoa, é possível analisar e perceber com clareza a multiplicidade de personalidades e opiniões entre os heterônimos, notando também a presença de dezenas de figuras literárias desconhecidas. Neste caso, vale destacar o termo “figuras literárias”, remetendo à defesa do crítico Jeronimo Pizarro ao arquivo pessoano, que é bem mais vasto do que a bipolarização entre “heterônimo e ortônimo”. Segundo Jerónimo Pizarro (2018, p. 84): “Os heterônimos são três; as figuras sonhadas, dezenas. Os textos assinados, são muitos. Os escritos que não o estão, muitos mais.”

Em “Sou mesmo o primeiro poeta que se lembrou de que a Natureza existe”, o autor fictício Alexander Search compreende Pessoa como uma presença espiritual:

O meu materialismo é um materialismo espontâneo. Sou profundamente e constantemente ateu e materialista. Não houve nunca, na verdade, um materialista e um ateu como eu... Mas isso é porque o materialismo e o ateísmo só agora, em mim, encontram o seu poeta.» E A. C. de tão curioso modo acentua o eu, o *mim* que só vê a falsa natureza em que fala. Dizia-me há tempos esse altíssimo e transviado [?] espírito que é Fernando Pessoa. (SEARCH, s.d., p. 360)

Os estudos acerca de Alexander Search o empreendem como embrião poético de Pessoa, pois além de ter nascido em 13 de junho de 1888 (conforme espólio de uma ficha biográfica do irmão James Charles Search), “este irmão gêmeo, na simplicidade da sua poesia,

---

<sup>1</sup> Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro estão mais próximos dos simbolistas. Álvaro de Campos e Almada-Negreiros estão mais próximos do estilo mais moderno de sentimento e de escrita. Os outros são intermediários. Fernando Pessoa sofre da cultura clássica (...). Fernando Pessoa é puramente intelectual; seu poder reside mais na análise intelectual do sentimento e da emoção, que ele levou a uma perfeição que nos deixa quase sem fôlego. (CAMPOS, 1916, p. 140, tradução nossa)

representa o embrião poético que, em sua “busca” já contém as preocupações metafísicas e os temas recorrentes que irão nortear a obra de Pessoa adulto.” (FREIRE, 2004)

Com uma obra de mais de 131 poemas escrita totalmente em inglês, a poética do proto-Pessoa – termo utilizado pelo filósofo Eduardo Lourenço (1983) – Alexander Search não é peculiar apenas pelo idioma utilizado, mas por apresentar características que se assemelham ao Pessoa ortônimo. No trecho mencionado anteriormente, é interessante notar que, ao contrário da presença reservada e soturna que Pessoa tem aos outros heterônimos, para Search, a sua interação vai além dessa característica. Alexander Search representa o primeiro resquício da heteronímia dentro da obra pessoana.

Em *Poesia e Metafísica*, Eduardo Lourenço, no capítulo “Considerações sobre o Proto-Pessoa”, afirma:

a leitura atenta desses poemas revela não apenas que eles ocupam o centro de sua poética, mas que contém em germe ou já em versão não retocável quanto à atitude futura ante elas, o *essencial* de Pessoa definitivo (LOURENÇO, 1983, p. 200)

Há ainda, dentro da vastidão dos escritos pessoanos, o nome de Coelho Pacheco. Tereza Rita Lopes, em seu texto “O Seu a seu dono Pessoa “desapossado” de Coelho Pacheco”, publicado em maio de 2011, o homem chamado Coelho Pacheco foi designado inicialmente como um heterônimo de Fernando Pessoa logo após a referência de autoria no poema “Para Além d’Outro Oceano”. No entanto, ao longo das edições das correspondências de cartas de Fernando Pessoa e nas suas pesquisas para os livros *Pessoa por conhecer* e *Pessoa inédito*, em que Lopes encontra uma colaboração de um poema interseccionista de Coelho Pacheco, notou-se o equívoco ao designar este falso heterônimo. Seria uma contribuição real para o plano de Fernando Pessoa e de Mário de Sá-Carneiro de criar uma revista *Orpheu*, em que também havia a presença de um homem chamado Coelho Pacheco.

Anos mais tarde, Tereza Rita Lopes enfim explicita que Coelho Pacheco não era um heterônimo, mas um amigo de Fernando Pessoa. Coelho Pacheco, também escritor de alguns poemas e fiel correspondente do famoso poeta português, nos aparece como um discípulo do Pessoa nas suas diferentes máscaras: na de poeta paúllico (termo referente a quem seguia a escola que Pessoa e Sá-Carneiro tentavam implantar, o dito Paulismo), como seguidor de Caetano e até de Campos.

Apesar de não ser um heterônimo, houve contribuições deste autor à maneira a qual Pessoa era visto pelo outro. Diferentemente do senso crítico e, por vezes, infeliz de Álvaro de

Campos, o trecho na famosa “Carta a Fernando Pessoa de 20 de fevereiro de 1935” traz certa leveza na relação entre Pessoa e Pacheco: “Gostei mais de receber o seu livro do que se a minha fábrica me mandasse um automóvel ainda que fosse com dedicatória. Exagero muito pouco. Eu compreendi e gostei sempre dos seus versos.” (PACHECO, 1935, p.219)

E acrescenta:

Desde o tempo de *Orpheu* e da *Renascença* (talvez desta Você já se nem lembre apesar de para ali ter colaborado) sei de cor versos seus daquele tempo [...] Se tiver um minuto para me escrever duas linhas ou se quiser telefonar-me gostava tanto de saber se Você tem mais alguma coisa publicada em periódicos, para melhor conhecer sobre si o que, afora a Mensagem tenha produzido em verso. / Um grande abraço do velho amigo / J. Coelho Pacheco. (PACHECO, 1935, p. 219)

Neste fragmento, percebemos uma relação amigável entre os dois e uma interação diferente em relação à interlocução de Pessoa com os heterônimos. Dentro das inúmeras correspondências, como as cartas a Mário Beirão, Adriano del Valle, Francisco Cabral Metello, entre outros, o jeito amigável é uma característica comum de Fernando Pessoa em seus relacionamentos com outros poetas e amigos, até mesmo em romances. O autor se expressava com polidez, educação e bastante solícito com seus correspondentes, seja para enviar seus poemas, volumes ou para saber sobre a vida deles, demonstrando qualidades que não são relatadas pelos heterônimos.

Finalmente, não foram encontrados relatos efetivos de Ricardo Reis e Alberto Caeiro acerca de Fernando Pessoa ortônimo. Estes heterônimos mantêm o foco de suas interações neles mesmos, num diálogo constante sem a presença do ortônimo. Apesar disso, conseguimos uma análise fundamental que acrescentará mais detalhes no prosseguimento deste trabalho.



## DIALOGISMO, POLIFONIA E ALTERIDADE EM INTERAÇÃO NO DISCURSO DOS HETERÔNIMOS SOBRE O ORTÔNIMO

Antes de adentrarmos ainda mais na maneira como os conceitos de Bakhtin são visíveis na poética pessoana e a fim de exemplificar a riqueza persona dentro da heteronímia, cabe mencionar a breve interação heteronímica com o ortônimo que teve como princípio a definição de arte.

Segundo Álvaro de Campos, a arte é definida em diversas áreas, mas também pode ser resumida em sua forma literária, comparando-se as técnicas de pintura ou das artes plásticas com o exercício da escrita:

Toda a arte é uma forma de literatura, porque toda a arte é dizer qualquer coisa. Há duas formas de dizer — falar e estar calado. As artes que não são a literatura são as projecções de um silêncio expressivo. [...] O caso parece menos simples para as artes visuais, mas, se nos prepararmos com a consideração de que linhas, planos, volumes, cores, justaposições e contraposições são fenómenos verbais dados sem palavras ou antes por hieroglifos espirituais, compreenderemos como compreender as artes visuais, e, ainda que as não cheguemos a compreender ainda, teremos, ao menos, já em nosso poder o livro que contém a cifra e a alma que pode conter a decifração. Tanto basta até chegar o resto. (PESSOA, 1980, p. 279)

Ricardo Reis define (e valoriza) a arte como complemento da vida e dos desejos das imperfeições:

A arte existe, não, como quer Campos, para substituir a vida, senão para a completar. Tudo na vida, excepto o desejo do homem, é irracional e imperfeito; na arte o homem projecta o seu desejo e a vontade de perfeição que há nele. Por isso a obra de arte deve, conservando a forma da vida, substituir-lhe a matéria: a escultura é na limpeza da pedra, que não na porcaria do corpo; a poesia é na música do ritmo lida que não na falta de música da palavra simplesmente falada. (LOPES, 1990, p. 411)

Em *Pessoa por conhecer – Textos para um novo mapa*, a crítica Teresa Rita Lopes nos traz um trecho em que Álvaro de Campos e Ricardo Reis conceituam suas próprias definições acerca do que seria a arte. Este considera que a arte existe verdadeiramente em forma de Poesia e Escultura. Já Álvaro de Campos diz:

(...) Há cinco artes - a Literatura, a Engenharia, a Política, a Figuração (que inclui o drama, a dança, etc.) e a Decoração. (A Decoração vai desde a arte de arrumar bem as coisas em cima de uma mesa até à pintura e à escultura. F[ernando] P[essoa] teve

razão numa coisa: a pintura e a escultura são essencialmente artes de decorar, mas errou em limitar a essas as artes decorativas). (LOPES, 1990, p. 413)

Completando a tríade dos heterônimos mais conhecidos de Pessoa, Alberto Caeiro é considerado o poeta da natureza e se exercita no gênero bucólico. No entanto, também gosta da contradição fazendo da sua arte um monumento de impugnação contra a própria arte, valendo-se da fala para dizer o silêncio; falando a língua para anunciar a falência da fala enquanto linguagem.

Como ele me disse uma vez «Só a prosa é que se emenda. O verso nunca se emenda. A prosa é artificial. O verso é que é natural». Nós não falamos em prosa. Falamos em verso. Falamos em verso sem rima nem ritmo. Fazemos pausas na conversa que na leitura da prosa *se não podem fazer*. Falamos, sim, em verso, em verso natural - isto é, em verso sem rima nem ritmo, com as pausas do nosso fôlego e sentimento. Os meus versos são naturais porque são feitos assim. (LOPES, 1990, p. 402)

Para Fernando Pessoa, no entanto, em *Páginas Íntimas de Autointerpretação*, “a obra de arte, fundamentalmente, consiste numa interpretação objectivada duma impressão subjectiva”, contrariando as definições de ciência e filosofia e estabelecendo três leis para o funcionamento da arte. Essa definição metódica de Pessoa contraria as análises mais subjetivas dos heterônimos. Novamente, notamos a essência taciturna e tangente do ortônimo em relação aos outros, ou se deixando alguém deles, ou sendo contrário às ideias dos heterônimos dentro da multiplicidade de vozes da poética pessoana.

No rascunho da *Tábua Bibliográfica*, encontramos uma descrição das personalidades heteronímicas que tem precisamente esse sentido. Numa nota solta relativa aos heterônimos, presente nesse rascunho, lê-se: são entidades com simili-vida própria, sentimentos que eu não tenho, opiniões que eu não aceito. Seus escritos são obras alheias, embora, por acaso, sejam minhas. (BOTTO, 2010, p.165; BNP/E3, 189<sup>r</sup>).

Os heterônimos dialogam entre si e com Pessoa ele-mesmo, criando uma rica rede de interações literárias, e aqui os conceitos de dialogismo e polifonia de Bakhtin são relevantes para entender a complexidade da obra de Pessoa em sua multiplicidade de vozes e de consciências independentes. Cada heterônimo representa uma voz distinta, e suas obras se entrelaçam em um diálogo constante:

Quando contemplo no todo um homem situado fora de mim e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode

ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar - a cabeça, o rosto e a sua expressão -, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e de relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele (BAKHTIN, 2010, p.21)

Os heterônimos são os únicos que, diante das suas noções próprias sobre arte, podem saber algo que está fora de Pessoa e diante deles, da mesma forma que Pessoa relata perspectivas de suas criaturas as quais eles não podem ver. A acessibilidade de informações fora de Pessoa é um benefício que os heterônimos mantêm e que somente eles, a partir do conceito de Bakhtin, poderiam nos situar melhor em relação ao próprio autor/criador nesse universo poético de múltiplas vozes.

Passando para a compreensão sobre dialogismo, vale recordarmos a famosa “Carta a Adolfo Casais Monteiro de janeiro de 1935”:

Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa. Se algum dia eu puder publicar a discussão estética entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos, verá como eles são diferentes, e como eu não sou nada na matéria. (PESSOA, 1986, p. 199)

Nesta análise, Fernando Pessoa nos apresenta a ideia de ser um resquício/sobra daqueles que (possivelmente) vivem nele. Em suma, se considera um símbolo que existe somente com o mero pensamento criador e com a reflexão de ser um porta-voz de outros.

A relação dos conceitos bakhtinianos aqui está na multiplicidade de vozes e identidades presentes nos heterônimos de Pessoa. Cada heterônimo representa uma perspectiva diferente, um “outro” literário. Assim como Bakhtin enfatiza a importância do diálogo com os outros para a formação da identidade, Pessoa cria heterônimos como formas de explorar diferentes facetas de si e do mundo. Essa heteronímia de Pessoa é uma manifestação concreta do dialogismo, pois seus heterônimos são como interlocutores literários que se comunicam através de suas criações poéticas e (dentro do dialogismo) “a consciência não é produto de um “eu” isolado do mundo, mas sim da interação e do convívio entre muitas consciências, que participam desse convívio com iguais direitos como personas” (BEZERRA, 2013, p. 22).

No último parágrafo do prefácio de *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Paulo Bezerra sintetiza ainda mais o conceito de dialogismo, definindo-o como “diálogo de superação dos diálogos da existência”. A perspectiva de solidão e inquietude por vezes demonstrada por Pessoa em seus textos, referindo-se mais aos heterônimos do que a ele mesmo, complementa a

perspectiva de consciência mencionada anteriormente. Pessoa se torna pessoa se revelando ao outro e constrói a si mesmo nessa relação com o outro, criando sua própria formação.

De acordo com Bakhtin, nas palavras de Bezerra, a relativização das “personas” e a conexão/interação, dentro da literatura, é o que nos permite ver o mundo fora de nós mesmos, construir nossa autoconsciência sem a necessidade de estar acima do outro e refletir sobre nós mesmos. Podemos sugerir que Pessoa sentia a necessidade da intersecção entre ele-outro, mesmo que o outro fosse um heterônimo, pois, em termos literários e com licença poética, seria outra consciência.

Complementa-se a isso um trecho da Nota Preliminar de sua *Antologia Poética*:

De maneira que a arte que queira representar bem a realidade terá de dar através duma representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior. Resulta que terá de tentar dar uma intersecção de duas paisagens. Tem de ser duas paisagens, mas pode ser - não se querendo admitir que um estado de alma é uma paisagem - que se queira simplesmente interseccionar um estado de alma (puro e simples sentimento) com a paisagem exterior. (PESSOA, 2002, p. 3)

Ainda que a relativização seja uma das características marcantes de Pessoa nessa análise, uma das particularidades da escrita do ortônimo quando se refere ao outro ou a si mesmo é o paradoxo, confirmando o trecho de Massaud Moisés (1998) em *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*: “Estamos lidando, nunca é demais repetir, com um poeta que usa o paradoxo com frequência para equacionar a (sua) verdade e dela extrair a beleza possível” (MOISÉS, 1998, p. 25). Nesse jogo de linguagem, Pessoa sente o vazio da solidão, da tristeza perante a vida que passa, de ilusões e desilusões que nunca desejou ter, mas encontrando-se como porta-voz de tantos (heterônimos) dentro de si.

Os poemas seguintes, de autoria do ortônimo e retirados dos livros *Cancioneiro* (2002) e *Poesias* (1995), servirão de base para a discussão da heteronímia a partir de um ponto de vista teórico. O trecho a seguir faz parte do poema “Sonho. Não sei quem sou” (2002, p. 100) e retrata essa segmentação do autor com seus discípulos, contemplando também o quão difícil é para Fernando Pessoa manter-se um, dentro da sua unidade. Observemos:

Minha alma não tem alma  
Lapso da consciência entre ilusões,  
Fantasmas me limitam e me contêm.  
Dorme insciente de alheios corações,  
Coração de ninguém.  
(PESSOA, Fernando. 2002 p. 100)

Os versos “Lapso da consciência entre ilusões, / Fantasmas me limitam e me contêm” destacam com clareza a presença dos heterônimos. No Rascunho de uma Carta de 1935 a Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa afirma: “Trata-se, contudo, simplesmente do temperamento dramático elevado ao máximo; escrevendo, em vez de dramas em actos e acção, dramas em almas. Tão simples é, na sua substância, este fenómeno aparentemente tão confuso.” (PESSOA, 1966, p. 101). Logo, consideramos útil a análise deste poema a partir da interlocução com o poema “Não meu, não meu é quanto escrevo”, de 1932, também de autoria do ortônimo Fernando Pessoa:

*Não meu, não meu é quanto escrevo,  
A quem o devo?  
De quem sou o arauto nado?  
Porque, enganado,  
Julguei ser meu o que era meu?  
Que outro mo deu?  
Mas, seja como for, se a sorte  
For eu ser morte  
De uma outra vida que em mim vive,  
Eu, o que estive*

*Em ilusão toda esta vida  
Aparecida, Sou grato.  
Ao que do pó que sou  
Me levantou. (E me fez nuvem um momento  
De pensamento). (Ao de quem sou, erguido pó,  
Símbolo só).  
(PESSOA, 1995, p. 150)*

A partir da leitura do poema, além de outras percepções acerca de Pessoa, frequentemente ele (autor Fernando Pessoa) se vê apenas como um emissário das possíveis vidas que nele habitam, valendo-se da perspectiva suprimida de si mesmo diante dos outros. Isso pode ser visto na comparação entre os versos 7 a 12 do poema “Não meu, não meu é quanto escrevo”; “Mas, seja como for, se a sorte / For eu ser morte / De uma outra vida que em mim vive, / Eu, o que estive / Em ilusão toda esta vida / Aparecida, Sou grato” e 2 e 3 “Lapso da consciência entre ilusões, / Fantasmas me limitam e me contêm.” Nesse caso, o conceito de alteridade de Bakhtin nos remete à ideia de que somos constituídos nessa relação entre o *eu* e o *outro*, ou seja, alguém só existe a partir do outro.

No entanto, no universo poético pessoano, as milhares de vozes heteronímicas e até mesmo o ortônimo provêm somente da voz do autor Fernando Pessoa. No capítulo “O todo atemporal do herói”, de *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin discorre sobre a relação do “eu-para-mim” e do *eu* para o *outro*:

A ideia do nascimento vivo (a ideia do alter) é substituída pela autoprojeção do eu-para-mim numa cosmogonia em que engendro o outro no interior de mim sem sair de meus limites, permanecendo assim ainda solitário. A singularidade do outro não é afirmada. Impõe-se a teoria da emanção: penso-me, meu eu pensado (produto de minha autoprojeção) se separa de meu eu pensante; opera-se um desdobramento, cria-se uma nova pessoa que, por sua vez, se desdobra graças à autoprojeção, e assim por diante; todos os acontecimentos se concentram num único eu-para-mim sem que venha introduzir-se nele o novo valor do outro. (BAKHTIN, 1992, p. 72)

Segundo Bakhtin, o *eu* vive essa determinação da existência interior e exterior como uma passividade infeliz e necessitada, como uma aspiração da sua existência e de estar neste mundo. No poema mais famoso de Fernando Pessoa ortônimo, “Autopsicografia”, publicado pela primeira vez na revista *Presença*, nº 36, em 1932, que tem como tema principal a identidade, temos como exemplo um momento em que o ortônimo escreve como heterônimo de si mesmo. Vejamos:

O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.  
(PESSOA, 1995, p. 235)

No primeiro verso, “o poeta é um fingidor”, que se refere àquele que transmite a obra poética, o ortônimo está identificando o próprio Fernando Pessoa, visto que o nome do poema “auto” (si próprio) e “psicografia” (descrição da alma) significa a representação da própria alma dele. Nesse caso, o termo “fingidor” é a expressão de fingir/representar o sentimento de dor, mas, ao mesmo tempo, sentir tal dor, e que para ser expressada precisa partir de uma dor real relatada de forma artística. Além disso, declara a habilidade que Fernando Pessoa tem em representar inúmeras vozes: “Não se trata de dar um reflexo exato, passivo, uma duplicação da vivência do outro em mim (...), mas da transferência de uma vivência que será situada num

plano diferente de valores, numa categoria nova do juízo e da forma.” (BAKHTIN, 1992, p 117)

Segundo Bakhtin, o conceito de unidade é inútil à narrativa biográfica. Da mesma forma que, ao abordar as perspectivas dos heterônimos, dentro do conceito da alteridade, além de aprofundar o cerne deste trabalho, o conceito de unidade também é inútil à narrativa heteronímica pessoana. Fernando Pessoa, o *eu* neste caso, é inapto para narrar a si mesmo, dependendo do outro — ou de uma posição que seja tão próxima quanto possível de mim — através dos seus narradores: heterônimos. Recorremos a mais uma reflexão bakhtiniana:

O sofrimento do outro que vivencio da forma mais concreta se distingue, por princípio, do sofrimento que o outro mesmo vive, ou do meu próprio sofrimento. Só tem em comum a noção abstrata de sofrimento, logicamente idêntica a si mesma, e jamais ela se atualiza em parte alguma — nem sequer através da palavra “sofrimento” que, até na idéia corrente, é marcada por sua entonação própria. Vivenciar o sofrimento do outro é iniciar um fato existencial novo que só pode ser realizado por mim, a partir da posição que sou o único a ocupar e que me coloca interiormente fora do outro. (BAKHTIN, 1992, p. 118)

Dentro da complexidade da poética heteronímica, é possível encontrar fragmentos por diferentes pontos de vista acerca de quem foi Fernando Pessoa ortônimo e daqueles que são além de um substrato do autor, mas sim frequentes e permanentes. Compreender um pouco mais sobre esse grande poeta da língua portuguesa requer uma análise fora da perspectiva unitária e do senso comum, pois ele desloca-se tanto com grandeza, tanto com pequenez. Pizarro, por exemplo, afirma:

[...] Acredito que Pessoa foi múltiplo, mas também que nós – os críticos e seus leitores – o continuamos a multiplicar e desdobrar de forma exponencial; e que, cada dia, a sua autêntica e definitiva multiplicidade é esta, ante a qual a outra, a verdadeira, vai se tornando pequena. (PIZARRO, 2018, p. 22)

Sendo o ortônimo o principal objeto de estudo desta monografia, também foi essencial que analisássemos os poemas escritos por ele, a fim de compreender a dinâmica da heteronímia a partir de duas perspectivas, que ao longo desta análise se complementaram. Assim, o dialogismo e a polifonia são processos que se encontram em toda a obra poética de Pessoa, pois todos os “personagens” presentes interagem um com o outro, semelhante à maneira que o autor Fernando Pessoa, objeto de estudo deste trabalho, dialoga com os heterônimos e se designa mensageiro das aparições deles. Logo, esse entrosamento, a relação ortônimo-heterônimo, é o

que resulta no conceito de alteridade, pois é no outro que se baseia grande parte de sua famosa (e única) literatura.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu objetivo ao conduzir esta pesquisa, a partir dos textos de Mikhail Bakhtin, com auxílio das análises dos críticos Jerónimo Pizarro, Tereza Rita Lopes, Leyla Perrone-Moisés, Eduardo Lourenço e do bakhtiniano Paulo Bezerra, entre outros, foi analisar a maneira como os heterônimos concebem suas noções acerca de Fernando Pessoa. Pude analisar com uma percepção mais técnica a obra poética heteronímica e compreender em cada detalhes dos registros literários disponíveis essa relação do ortônimo com suas criaturas, sendo resultado único deste grande poeta.

Eu me conectei ainda mais com este tema quando me deparei com o filósofo Mikhail Bakhtin e encontrei as incríveis semelhanças com as nuances da literatura pessoana. Ademais, foi interessante perceber que a interação ortônimo-heterônimo é bem mais complexa do que a simpatia de Fernando Pessoa com seus correspondentes. Essa relação evidenciada pelos heterônimos, analisada ao longo deste trabalho, nos mostrou um olhar mais intimista de Pessoa.

Acredito ter conseguido contribuir nas pesquisas e no modo de estudar Fernando Pessoa. Minha função foi apresentar a perspectiva do outro, além dele mesmo, voltando para si. Concluímos até então que o ortônimo e os heterônimos são um mundo à parte para Fernando Pessoa. Através deles, Pessoa vê sua obra viva na criação e na tangente do acontecimento, e se encontra livre para deixá-los, com suas próprias histórias, voarem.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **O autor e a personagem na atividade estética**. In: BAKHTIN, M.. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p.3-192.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BOTTO, António. **Canções, Edição Jerónimo Pizarro e Nuno Ribeiro**. Lisboa: Guimarães, 2010, p. 165.
- CAMPOS, Álvaro [Fernando Pessoa]. **Notas para a recordação do meu mestre Caetano**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997
- FREIRE, Luísa. Alexander Search. **Modernismo: Arquivo Virtual da Geração de Orfeu**, 2024. Disponível em: <<https://modernismo.pt/index.php/a/456-alexander-search>> Acesso em: 28 ago. 2024
- LOPES, Teresa Rita. **Pessoa por conhecer**. 2 tomos. Lisboa: Estampa, 1990.
- LOURENÇO, Eduardo. **Poesia e Metafísica: Camões, Antero, Pessoa**. 1ª Edição. Lisboa: Sá da Costa Editora. 1983.
- MOISÉS, Massaud. **Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- PALMEIRIM, Ana Rita. **Coelho Pacheco: equívocos, coincidências e factos**. UniLetras, Ponta Grossa, v. 38, n. 2, p. 321-329, jul/dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/9429/5803>> Acesso em: 28 ago. 2024.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa: Aquém do Eu, Além do Outro**. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes. 2001
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. O universo Pessoa. **Estudos Pessoaanos**, s.d. Disponível em: <[https://estudospessoanos.fflch.usp.br/sites/estudospessoanos.fflch.usp.br/files/LPM\\_O\\_Universo\\_Pessoa.pdf](https://estudospessoanos.fflch.usp.br/sites/estudospessoanos.fflch.usp.br/files/LPM_O_Universo_Pessoa.pdf)> Acesso em: 5 set. 2024
- PESSOA, Fernando. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.
- PESSOA, Fernando. **Cancioneiro**. [s.l.] Ciberfil Literatura Digital, 2002. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000003.pdf>> Acesso em: 18 set. 2024
- PESSOA, Fernando. **Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas**. Lisboa: Publ. Europa-América, 1986.

PESSOA, Fernando. **Fernando Pessoa: Obras Escolhidas: Mensagem, Poemas De Alberto Caero, Odes De Ricardo Reis, Poemas De Álvaro De Campos.** 1. Ed. Porto Alegre: L&PM, 2016.

PESSOA, Fernando. **Páginas íntimas e de auto-interpretação.** Lisboa: Ática, 1996.

PESSOA, Fernando. **POESIAS.** Lisboa: Editorial Ática, 1942.

PESSOA, Fernando. **Textos de Crítica e de Intervenção.** Lisboa: Ática, 1980.

PIZARRO, Jeronimo. **Ler Pessoa.** 1 ed. São Paulo: Tinta da China, 2018.